

**RESENHA: MIRANDA, FERNANDA R. SILÊNCIOS PRÉSCRITOS:  
ESTUDOS DE ROMANCES DE AUTORAS NEGRAS BRASILEIRAS (1859-  
2006). RIO DE JANEIRO: MALÊ, 2019. 364P.**

Teresa Espallargas<sup>1</sup>

Publicado como resultado de sua tese de doutorado pela Universidade de São Paulo (USP), o livro *Silêncios prEscritos: Estudos de romances de autoras negras brasileiras (1859-2006)* (2019) de Fernanda R. Miranda<sup>2</sup> é um estudo fundamentalmente interseccional na medida em que traz como *corpus* de sua análise romances de autoria feminina negra. As questões de raça e gênero, seja este literário ou marcador social de diferença (SAGGESE et.al, 2018), são, portanto, essenciais para a leitura proposta pela estudiosa, cujo objetivo é traçar diálogos entre narrativas ficcionais de mulheres negras publicadas ao longo de 150 anos no Brasil, como forma de combate ao silenciamento imposto a essas vozes e suas obras.

Apesar do amplo escopo temporal, foram poucos os romances publicados nestes três séculos, se comparados por exemplo às produções poéticas de autoria negra. Segundo o escritor e pesquisador Oswaldo de Carvalho, citado por Miranda (2019, p. 27), “o negro quase nada escreveu nas primeiras décadas da República, em ficção, tirando Lima Barreto. O negro foi e é poeta, quase só poeta”. Sendo assim, obras que impedem essa restrição à escrita poética são o foco de Miranda, que vê a ficção de autoria negra, especialmente o romance, “fértil como terra preta” (MIRANDA, 2019, p. 15). De um total de 13 livros mapeados no período, 8 são estudados em *Silêncios prEscritos*, cuja delimitação “entre 1859 e 2006” se dá pelas “datas de publicação de dois romances paradigmáticos: *Úrsula*, porque é a obra que abre o *corpus*; *Um defeito de cor*, porque é a obra que o assenta” (MIRANDA, 2019, p. 50), usando um verbo que faz proposital alusão ao universo das tradições religiosas afro-brasileiras bem como à noção de ancestralidade, essencial a um livro que se propõe justamente formar um *corpus* cronológico de autoria feminina negra. Além das narrativas de Maria Firmina dos Reis e Ana Maria Gonçalves, os demais livros analisados pela acadêmica são: *Água Funda* (1946) de Ruth Guimarães; *Pedaços de Fome* (1963) de Carolina Maria de Jesus; *Negra Efigênia, paixão de senhor branco* (1966) de Anajá Caetano; *Mulheres de Aleduma* (1981) de Aline França; *As mulheres de Tijucupapo* (1982) de Marilene Felinto; e *Ponciá Vicêncio* (2003) de Conceição Evaristo.

Cada um destes romances, entendido em seu conjunto como uma roda de mulheres (MIRANDA, 2019, p. 322)<sup>3</sup>, é apresentado no livro em capítulos exclusivos e

<sup>1</sup> Mestranda e professora assistente no Departamento de Línguas e Literaturas Românicas da Universidade da Geórgia, Estados Unidos, teresa.espallargas@uga.edu.

<sup>2</sup> Fernanda Rodrigues de Miranda também é autora de *Carolina Maria de Jesus: literatura e cidade em dissenso* (2017) e *Miríade 290: O que Pode a Escrita* (2009). Atualmente é pós-doutoranda pela Universidade de São Paulo (USP) e pesquisa “O Espaço Enunciativo Afroatlântico forjado nas Narrativas de Mulheres Negras”.

<sup>3</sup> Tradição afro-brasileira, como as rodas de mãe de santo dos terreiros de Candomblé.

concisos, sendo os mais extensos aqueles que debatem sobre obras de pouca fortuna crítica, notadamente os de Guimarães, Caetano e França, o que reforça a já nítida contribuição acadêmica do livro. Ainda assim, todas as análises são recheadas de longas citações das ficções, bem como de outras obras das autoras, as quais auxiliam no entendimento particular de cada romance e, por extensão, na compreensão do *corpus* delineado pela autora, uma vez que sua intenção é precisamente de “salientar as conexões visíveis” (MIRANDA, 2019, p. 15) entre as obras.

Contudo, as conexões das quais fala a autora vão além do panorama histórico e começam antes mesmo do estudo detido dos romances. O prefácio, subdividido em três partes: “Ficção- fértil como terra preta”; “O romance dentro da escrita de autoria negra” e “O romance de autoria de mulheres negras dentro da literatura brasileira”, bem como o primeiro capítulo “Romance e autoria negra no Brasil,” já esclarecem muitos dos diálogos presentes entre os livros. Estes textos introdutórios também explicam de maneira clara e detalhada, sobretudo nas proeminentes notas de rodapé, as escolhas feitas pela autora de *Silêncios prescritos* em relação ao escopo literário, mas também ao debate conceitual entre literatura negra e literatura afro-brasileira<sup>4</sup>. O próprio título da obra de Miranda ressalta uma das evidentes sinergias entre as produções do gênero estudadas por ela: o silenciamento. Que por ser prescrito resulta de uma intenção deliberada da sociedade patriarcal e racista brasileira, refletindo a colonialidade do poder (QUIJANO, 2005) atuante até hoje. Não à toa tem-se um cânone brasileiro eurocêntrico, masculino e branco ao qual o livro de Miranda busca resistir. O combate ao silenciamento histórico da população negra, especialmente das mulheres, é, portanto, enfoque de análises de narrativas como *Ponciá Vicêncio*, *Pedaços de Fome*, e *Mulheres de Tijucupapo*. Nestes livros, como em *Úrsula*, a acadêmica também ressalta o questionamento da narradora ou protagonista da manutenção do sistema de privilégio social branco e masculino, além de destacar os deslocamentos feitos pelas personagens na procura de mudanças, que são igualmente marcantes em *Um defeito de cor*.

Para traçar estes e outros paralelos entre os romances, Miranda recorre há muitos textos teóricos, os quais são por vezes citados, por outras desenvolvidos com mais profundidade, mas que de qualquer maneira representam um dos fortes da análise comparativa feita em *Silêncios prEscritos*. Abundam referências históricas, sociológicas, filosóficas e literárias, nacionais e internacionais, a maior parte de autoria negra, tais como Beatriz Nascimento, Lélia Gonzalez, Miriam Alves, Patricia Hill Collins, Octavia Butler e Grada Kilomba, intelectuais relevantes para aqueles que desejam seguir a linha de estudo proposta pela autora. A continuação de estudos críticos de romances de autoria negra é, por sua vez, facilitada pelo mapeamento cronológico feito por Miranda, que reúne mais de cem obras e está disponível aos leitores na seção “Apêndice” de seu livro. A estudiosa também expressa nitidamente seu desejo pela continuidade de seu trabalho no epílogo, fazendo menção à roda de “Firmina, Ruth, Carolina, Anajá, Aline, Marilene, Conceição, Ana Maria” e afirmando que a roda de mulheres “será muito maior nas novas

<sup>4</sup> Para entender melhor a discussão ver ASSIS, Eduardo de. “Por um conceito de literatura afro-brasileira”. Portal Literafro, Abr. 2020. Disponível em: <[letras.ufmg.br/literafro/artigos/artigos-teorico-conceituais/148-eduardo-de-assis-duarte-por-um-conceito-de-literatura-afro-brasileira](http://letras.ufmg.br/literafro/artigos/artigos-teorico-conceituais/148-eduardo-de-assis-duarte-por-um-conceito-de-literatura-afro-brasileira)>.

pesquisas que virão, pois as reflexões sobre o romance de autoria de mulheres negras brasileiras apontam para rotas encruzilhadas e caminhos abertos, à espera de muitas outras leituras” (MIRANDA, 2019, p. 322).

Este diálogo entre pesquisas para qual Miranda se abre, e que visa transcender o próprio *corpus* criado por ela, se faz visível dentro de sua análise pela aproximação constante que ela faz entre as obras. Em cada capítulo, por meio de uma linguagem acessível, a acadêmica retoma elementos apontados na leitura das outras produções literárias formando um conjunto que metonimicamente resiste aos silenciamentos impostos pela literatura nacional – usualmente sustentados pela crítica literária – às obras de autoria de mulheres negras brasileiras.

Desta forma, *Silêncios prEscritos* se faz necessário por construir um *corpus* de narrativas de autoria feminina negra no Brasil com a reunião de romances que foram estudados, porém, não de maneira conjunta. Assim, o estudo rompe com a dinâmica vigente de apagamento ao registrar as novas possibilidades de fala, da mesma forma que os romances nele estudados buscaram fazer, e, conseqüentemente, abre espaço para formatos alternativos de análise literária, ou como diz Miranda (2019, p. 38), para “tessituras que escapam”.

## Referências

- ASSIS, Eduardo de. “Por um conceito de literatura afro-brasileira”. Portal Literafro, Abr. 2020. Disponível em: <http://www.letras.ufmg.br/literafro/artigos/artigos-teorico-conceituais/148-eduardo-de-assis-duarte-por-um-conceito-de-literatura-afro-brasileira>, acesso em 30 jun 2020.
- QUIJANO, Aníbal. “Colonialidade do poder, Eurocentrismo e América Latina”. *A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas*. Buenos Aires: CLACSO, 2005. Disponível em: [http://biblioteca.clacso.edu.ar/clacso/sur-sur/20100624103322/12\\_Quijano.pdf](http://biblioteca.clacso.edu.ar/clacso/sur-sur/20100624103322/12_Quijano.pdf), acesso em 30 jun 2020.
- MIRANDA, F. R. *Carolina Maria de Jesus: literatura e cidade em dissenso*. São Paulo: Editora da Cidade, 2017.
- \_\_\_\_\_. *Míriade 290: O que Pode a Escrita*. São Paulo: Annablume Editora, 2009.
- \_\_\_\_\_. *Silêncios prEscritos: Estudos de romances de autoras negras brasileiras (1859-2006)*. Rio de Janeiro: Malê, 2019.
- SAGGESE, G. S. R., et.al, organizadores. *Marcadores sociais da diferença: gênero, sexualidade, raça e classe em uma perspectiva antropológica*. São Paulo: Terceiro Nome; Editora Gramma, 2018.

**Recebido em:** 30/06/2020

**Aceito em:** 30/06/2020

**Referência eletrônica:** ESPALLARGAS, Teresa. Silêncios prEscritos: Estudos de romances de autoras negras brasileiras (1859-2006). *Criação & Crítica*, n. 29, p., mai. 2021. Disponível em: <<http://revistas.usp.br/criacaoecritica>>. Acesso em: dd mmm. aaaa.